



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIENCIA DAS ARTES
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
LICENCIATURA EM TEATRO

MILLER WERLLERSON DOS SANTOS FERREIRA

**O TRAJE JUNINO CARACTERIZADO COMO TRAJE TEATRAL NA
QUADRILHA “SENSAÇÃO JUNINA DE SOURE” NO ANO DE 2007**

BELEM - PA
2018

MILLER WERLLERSON DOS SANTOS FERREIRA

**O TRAJE JUNINO CARACTERIZADO COMO TRAJE TEATRAL NA
QUADRILHA “SENSAÇÃO JUNINA DE SOURE” NO ANO DE 2007**

Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Miller Werllerson dos Santos Ferreira, apresentado à Banca Examinadora da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do grau de licenciado em Teatro.

Orientador: Prof. Aníbal Pacha

**BELÉM – PA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Universitária do ICA/ETDUFPA, Belém-PA

Ferreira, Miller Werllerson dos Santos

O traje junino caracterizado como traje teatral na quadrilha "Sensação Junina de Soure" no ano de 2007 / Miller Werllerson dos Santos Ferreira; orientador Prof. M. Sc. Aníbal José Pacha Correia. 2018.

Monografia de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso Licenciatura em Teatro, 2018.

1. Quadrilha junina - vestuário. 2. Teatro folclórico brasileiro. 3. Teatro - trajes. I. Título.

CDD - 22. ed. 792.026

MILLER WERLLERSON DOS SANTOS FERREIRA

**O TRAJE JUNINO CARACTERIZADO COMO TRAJE TEATRAL NA
QUADRILHA “SENSAÇÃO JUNINA DE SOURE” NO ANO DE 2007**

Trabalho de Conclusão de Curso do aluno Miller Werllerson dos Santos Ferreira, apresentado à Banca Examinadora da Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará, para a obtenção do grau de licenciado em Teatro.

Aprovada em 15, de fevereiro de 2018.
Conceito:

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof. Ms. Aníbal José Pacha Correia
Universidade Federal do Pará
Orientador

Prof. ^a Dr. ^a Eleonora Ferreira Leal
Universidade Federal do Pará
Examinadora

Prof. Ms. Tarik Coelho Alves
Universidade Federal do Pará
Examinador

Universidade Federal do Pará, Pará, Brasil.

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta monografia por processos fotocopiadores ou eletrônicos, desde que mantida a referência autoral. As imagens contidas neste trabalho, por serem pertencentes a acervo privado, só poderão ser reproduzidas com expressa autorização dos detentores do direito de reprodução.

Assinatura:

Miller Werlerson dos Santos Ferreira

Local e data:

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso a meus pais e avós, por serem meu alicerce, durante todo o percurso acadêmico e principalmente na vida. Pelos diálogos, incentivos, encorajamentos. Eles me ensinaram valores que estarão sempre presentes em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por ter me dado ferramentas necessárias para que eu pudesse adentrar neste curso, pela chance de chegar a esse momento inigualável e por sonhar meus sonhos.

A minha família e parentes, por estarem sempre ao meu lado, me apoiando de inúmeras formas, desde acreditar no meu potencial, quando tudo parecia estar dando errado, por serem minha sólida base quando dava vontade de desisti de tudo e voltar para o colo deles, e por nesses momentos difíceis estarem sempre ali me incentivando a seguir meus sonhos, e atingir minhas metas.

Ao Prof. Aníbal Pacha pela importante orientação nesta monografia, e principalmente pela gentileza e humildade que traz consigo dentro e fora da academia. Agradeço também aos demais professores que participaram e contribuíram de alguma maneira para que este trabalho fosse realizado, e também por cada experiência dentro e fora de sala de aula, onde me fizeram beber das ótimas fontes de conhecimento.

Aos colegas da turma e amigos que o teatro me deu fora da turma, com os quais partilhei diversas experiências nesses últimos anos, em especial os Boêmios. É um agradecimento especial a Jaqueline Miranda, Raquel Melik, Edson Duarte e Douglas Henrique que amigos de turma, se tornaram amigos de vida, com eles partilhei tantos momentos especiais e inesquecíveis, desde a cumplicidade nos trabalhos em grupo, assim como nos assuntos pessoais.

E por último, porém, não menos importante, agradecer imensamente ao meu amado Zecas Coletivo de Teatro, pelas amizades criadas e que levarei pra vida, por ter me proporcionado tantas experiências engrandecedoras, como olhar o mundo de forma mais madura e justa, por ter me mostrado quem eu sou de verdade, e ter feito com que eu quebrasse barreiras comigo mesmo, como me aceitar do jeito que eu sou, principalmente quando se trata da cor da minha pele, e por me darem a mão e mostrarem que estão aqui do meu lado, batalhando comigo contra todos os tipos de preconceito que uma sociedade injusta, hipócrita, traz consigo, algumas vezes até inocentemente, e por me ajudar a desenvolver minha poética pessoal enquanto artista através das nossas experiências e modos de fazer teatro.

“E eu sei que o mundo pode ser frio, não podemos deixar que isso nos divida.
Há algo dentro de nós, um poder que cresce.
Há algo bonito nas falhas, em tudo o que somos. ”

Fifth Harmony

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar o diálogo entre o traje teatral e o traje junino da quadrilha “Sensação Junina de Soure” no ano de 2007. O método de pesquisa utilizado é o descritivo analítico, apoiando-se na abordagem de pesquisa de campo. Neste, são analisadas as semelhanças entre o traje junino e o traje teatral, tendo como estudo os relatos pessoais de algumas pessoas que compuseram a Quadrilha Sensação Junina de Soure no ano de 2007, e também as principais funções, e aspectos, de um traje junino e de um traje teatral, e para isso, uso como principais referências: Patrice Pavis, Fausto Viana e Eleonora Leal.

Palavras chaves: Traje Teatral, Traje Junino, Quadrilha Junina.

ABSTRACT

This work aims to analyze the dialogue between the theatrical costume and the Junino costume of the group "Sensação Junina de Soure" in the year 2007. The research method used by the analytical method, based on the field research approach. In this, they are analyzed as remunerations between the junino costume and the theatrical costume, having as a study the personal reports of some people who composed Junín de Soure's Sensation Quadrille in the year 2007, and also in the main functions, and of a junino costume and of a theatrical costume, and for that, as main references: Patrice Pavis, Fausto Viana and Eleonora Leal.

Keywords: Theatrical Costume, Junino Costume, Junina Quadrille.

Lista de figuras

Figura 1 – traje junino do fim do século XIX.....	15
Figura 2 – traje caipira	16
Figura 3 – traje moderno	17
Figura 4 – traje temático	17
Figura 5 – traje de 2007	Erro! Indicador não definido.
Figura 6 – Brincantes da Sensação Junina	Erro! Indicador não definido.
Figura 7 – quadrilha na quadra junina de Soure	30
Figura 8 – traje das damas.....	32
Figura 9 – traje da miss mulata	33
Figura 10 – traje dos cavalheiros	35

Sumário

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	O TRAJE JUNINO: ELEMENTO FUNDAMENTAL EM UMA QUADRILHA JUNINA	14
	2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O TRAJE JUNINO NO BRASIL.....	14
	2.2 A IMPORTÂNCIA DO TRAJE PARA UMA QUADRILHA JUNINA.....	18
3	O TRAJE TEATRAL.....	20
	3.1 O TRAJE TEATRAL SEGUNDO FAUSTO VIANA.....	20
	3.2 A IMPORTÂNCIA DO TRAJE TEATRAL PARA UM ESPETÁCULO TEATRAL	21
4	O TRAJE JUNINO CARACTERIZADO COMO TRAJE TEATRAL.....	23
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
6	REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	38
7	ANEXO I.....	40

1 INTRODUÇÃO

Natural do Pará, nasci em 1995, em Soure, na Ilha do Marajó, terra de belezas naturais e de cultura popular, cresci em um clima gostoso de campo, e desde pequeno sou completamente apaixonado por cultura popular. Rodeado pelo Carimbó, Marujada, Siriá, Lundu Marajoara e Quadrilha Junina, aos seis anos de idade entrei para o grupo folclórico “Os Aruãs Curumins”, cuja sede ficava no terreno aos fundos da minha casa, e nesse grupo permaneci até os meus 14 anos, adquirindo no mesmo, experiência com o Carimbó, Lundu Marajoara, Siriá e a Marujada.

A minha ligação com quadrilhas juninas, começou antes mesmo de eu ter sido gerado, pois, faz parte de uma tradição familiar, onde iniciou pela minha avó, Nilse Maria, no momento em que ela decidiu criar a primeira quadrilha da família, a Explosão Junina, em 1988. Perpassou pelo meu tio, Márcio Luís, que fundou em 1993 a segunda quadrilha da família, a Sensação Junina, sendo que a mesma permanece até os dias atuais tendo Márcio Luís como o presidente, e que até em 2009, teve a minha mãe, Marciane Santos, como a vice-presidente. E assim, chegando a mim.

A quadrilha sempre foi muito presente na minha vida, pois, em casa o período junino era um dos mais importantes. Acordar ao som de músicas juninas, fazer fogueira, comer quase tudo feito de milho verde, e dançar quadrilha, são algumas das minhas muitas memórias do período junino quando criança. Fui crescendo acompanhando meus pais nos concursos de quadrilhas, nos quais as quadrilhas da minha família participavam, até que em 2007, pude me encantar com algo que ainda não tinha presenciado de forma tão original na quadrilha Sensação Junina em nenhum dos anos anteriores, era uma apresentação que me deixava com os olhos brilhando, na quadra estava a quadrilha Sensação Junina dançando, os brincantes estavam vestidos como personagens, onde as damas estavam de cozinheiras, os cavalheiros como garçons e o marcador representando um pipoqueiro, e uma encenação em cima do tema trabalhado na quadrilha desse ano, que foi “Todo ano tem comida, tem bebida e tem balão”.

Mesmo sabendo desde o começo que queria falar no meu TCC sobre quadrilha junina, o processo se deu de forma lenta e muito bem pensada, primeiro porque eu estava em um curso de teatro, então teria e queria englobar isso com a quadrilha, e então durante o curso tive uma disciplina chamada “Indumentária”, ministrada pela

professora Graziella Ribeiro, na qual me fez ter contato com obras de Fausto Viana (2012), um pesquisador e professor de indumentárias, também doutor em artes (USP), que se tornou um dos meus principais referenciais teóricos nesta monografia.

Tendo como mote inicial uma fala de Viana (2012), sobre as informações que um traje teatral pode trazer consigo, tanto para um estudo sobre o mesmo, quanto para ajudar a compreender o contexto em que está inserido, com isso pude observar que o traje teatral poderia ter mais características semelhantes com o traje junino, e isso me fez querer compreender mais sobre essa possível ligação entre ambos, pois, a partir de que momento o traje junino e o traje de cena se assemelham? Existem semelhanças para que isso aconteça?

Visando identificar semelhanças entre traje junino e traje teatral, busquei focar em um traje junino específico, o da quadrilha Sensação Junina de Soure do ano de 2007, e analisar o mesmo com base nas minhas vivências juninas, nos meus estudos sobre quadrilhas, nas vivências dos participantes da quadrilha Sensação do ano de 2007, e ainda analisar a possível ligação tendo como base o conceito de trucagem de Fausto Viana, o de traje teatral para Patrice Pavis e o de quadrilha moderna de Eleonora Leal.

A metodologia usada nessa pesquisa é a descritiva analítica, tendo como técnica de pesquisa, a coleta de dados, através da entrevista, onde viajei de Belém a Soure, no intuito de ouvir tudo o que o Márcio Luís, o presidente da quadrilha Sensação, tinha a me dizer sobre o ano de 2007, principalmente sobre o traje, preferi que a entrevista fosse do tipo aberto, pois, acredito que assim conseguiria mais detalhes, que talvez com perguntas fechadas, acabasse não conseguindo. Além do presidente da quadrilha, fui atrás de um brincante da época, e consegui uma entrevista com Michelle Silva, que hoje é a vice-presidente da quadrilha, e que além da entrevista ainda me cedeu algumas fotos do traje de 2007. Sebastião Silva, o coreógrafo e estilista de 2007, não estava em Soure na época, sendo assim, a entrevista foi realizada por telefone, e assim como os demais, foi uma entrevista aberta.

2 O TRAJE JUNINO: ELEMENTO FUNDAMENTAL EM UMA QUADRILHA JUNINA

2.1 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE O TRAJE JUNINO NO BRASIL

A partir das minhas leituras e vivências, pude observar a evolução do traje junino, durante os anos no Brasil, em particular no Pará. A quadrilha que era uma dança de origem europeia surgiu numa espécie de “transição cultural”, depois da “Guerra dos Cem Anos”, que ocorreu na França e países baixos entre 1337 a 1453, entre Inglaterra e França. Onde inspirados por uma dança inglesa chamada “country dance”, os franceses criaram uma dança a qual batizaram de “contredanse”.

Apesar da dança inglesa ser de origem rural/camponesa, na França foi ganhando a nobreza e não demorou para que a dança se tornasse a abertura principal dos eventos da corte, e sua formação era em quatro pares. Essa formação era mais comum ser chamada de “cuadrillo” na Espanha, e essa expressão espanhola acabou se popularizando na França como “quadrille”.

Chegou ao Brasil por volta de 1830, durante o período da Regência, e assim como na França, a dança era a da principal da corte, sendo a que abria os bailes da mesma, residente no Rio de Janeiro. E sobre o traje desta época, Lúcia Helena Vitalli Rangel nos traz detalhamento das peças desses trajes:

“No fim do século XIX as damas que dançavam a quadrilha usavam vestidos até os pés, sem muita roda, no estilo blusão, com gola alta, cintura marcada, mangas “presunto” e botinas de salto abotoadas do lado. Os cavalheiros vestiam paletó até o joelho, com três botões, colete, calças estreitas, camisa de colarinho duro, gravata de laço e botinas.” (RANGEL, 2008, pg. 52)

Com isso percebemos que o traje junino do fim do século XIX é completamente inspirado pela corte francesa, e o material desse tipo de traje só as pessoas da corte que tinham condições de comprar, pois, se tratavam de tecidos caros, e coisas que chegavam importadas da própria França.

Figura 1 – traje junino do fim do século XIX



Fonte: <<http://www.papodegordo.com.br>>

Por volta do início do século XX, a quadrilha junina saiu da corte e se popularizou, se espalhando por várias regiões brasileiras, e assim ganhando o animado povo brasileiro, e foi assumindo aspectos da cultura popular da região em que estava inserida, no Rio de Janeiro, saiu da corte ganhando os trabalhadores rurais. A quadrilha que tinha a referência toda francesa em seus elementos, tais como: “coreografias, formação, trajes, marcação e etc.”, passa a ser “abrasileirada”, ganhando referência camponesa nos elementos citados acima, principalmente nos trajes.

Como os camponeses não tinham oportunidade de ter uma boa roupa, e a mesma era surrada pela vida que levavam só de trabalho, as mulheres usavam remendos em seus vestidos, e os homens em suas calças tendo em vista que seus trajes se tornassem mais bonitos quando fossem dançar, e por se tratar de trabalhadores da roça, que passavam o dia no sol, acrescentaram em seus trajes juninos o famoso: “chapéu de palha”, que é visto até hoje em quadrilhas do Brasil inteiro. E então essa outra roupagem ficou caracterizada como um traje de quadrilha tradicional, também conhecida como roceira ou caipira (figura 2), onde deixa de lado aquela roupa cara, e começa a se utilizar as vestimentas do mesmo modo que os camponeses, com o chapéu de palha e as roupas com remendos.

Figura 2 - Traje Caipira



Fonte: <<http://www.xalingo.com.br>>

Em Soure, segundo minha avó, Nilse Maria, começaram a se utilizar as vestimentas mais simples, feitas de chitão, e enfeitadas com fitas, patchouli, e rendas, e os chapéus eram de palha enfeitados com patchouli, essa composição do traje, lá em Soure é chamado de caipira.

Com o passar dos anos a quadrilha, no Pará, foi se modificando, Eleonora Leal diz que, “a busca pela novidade e o novo ressaltou muito entre os quadrilheiros em suas coreografias, trajes, adereços e objetos cênicos” (LEAL, 2011, 52), agora com foco em concursos e na mídia, a chamada “Quadrilha Moderna”, vem com novos elementos, tais como: misses, coreografias sincronizadas, a entrada de outros estilos de danças, como a afro e as folclóricas, e o traje caipira que era simples, agora passa a ser um traje caipira luxuoso, o chamado traje moderno (figura 3). E segundo Eleonora Leal: “A Quadrilha Moderna modificou-se dentro deste contexto de encantamento visual, a partir do que foi exposto”. (LEAL, 2011, pg. 60).

E observando a fala de Eleonora Leal (2011) percebo que esse encantamento visual no qual ela cita, tem muito a ver com os concursos que no momento chegam com mais impacto, e logo a mídia influencia dando visibilidade a competição, desse modo as quadrilhas juninas cada vez mais utilizam desse encantamento visual, não apenas no traje, mas em coreografias e na introdução de novos elementos, como o

tema, que é um elemento gerador de outro estilo da dança, na qual batizei de Quadrilha Temática.

Figura 3 - Traje Moderno



Fonte: <<http://www.agenciabelem.com.br/Noticia/148340>>

Figura 4 - Traje Temático



Fonte: <<http://www.fashionbubbles.com>>

A Quadrilha Temática surge no Pará por volta do início dos anos 2000, trazendo influências do Nordeste. Em Soure, a Quadrilha Temática surge em 2003, com a quadrilha Mexe Coração, que começou a usar da novidade do tema na quadra junina de Soure. O tema é um elemento que influencia no traje, na coreografia, na maquiagem, e implica muitas vezes até na criação de uma música original. Além do tema, cenário, adereços, e uma cena foram introduzidos nesse outro estilo de quadrilha, e esses novos elementos assim como o tema, são obrigatórios para que uma quadrilha junina seja identificada como Quadrilha Temática. O traje de uma Quadrilha Temática é totalmente influenciado pelo tema que a quadrilha traz em determinado ano, sendo obrigatório vesti uma personagem no brincante.

2.2 A IMPORTÂNCIA DO TRAJE PARA UMA QUADRILHA JUNINA

O traje assim como os outros elementos que formam uma quadrilha junina é de extrema importância para mesma, podemos perceber que com o passar dos anos, o traje foi acompanhando a evolução da quadrilha, e com isso a cada novo jeito de dançar quadrilha, o traje foi ganhando destaque, e nos dias atuais, é um dos elementos mais aguardados na quadra junina.

Os trajes são dos mais variados, indo do caipira ao temático, sendo que neste último pode ter influências tanto do traje caipira como do traje moderno, mas não perdendo seu principal objetivo, que é vestir o brincante como um personagem. Dois exemplos de trajes temáticos bem conhecidos e repetidos no Nordeste são “os noivos”, e “Lampião e Maria Bonita”, já no Pará a criação dos trajes vai um pouco mais além, como “o sítio do pica-pau amarelo”, “bonecos de marionete”, “espantalhos”, entre outros.

“(…) para o diretor Gabriel Vilela o traje liga o homem ao seu pensamento e à sua evolução. Afirma que no traje de cena está impresso um arquétipo e que este chega ao público, pelo sentido da visão, antes mesmo que a palavra.” (PEREIRA, 2012, pg. 227 e 228)

Através da citação acima, podemos colocar que o traje junino temático se encaixa perfeitamente nessa fala de Pereira, afinal, o público é levado automaticamente a identificar o tema da quadrilha assim que vê os brincantes, uma

vez que os mesmos estarão vestidos de forma objetiva em cima do tema que a quadrilha está trazendo.

E esses novos estilos de quadrilha, que influenciam nessas modificações dos trajes, são influenciados pelos concursos de quadrilhas, uma vez que as quadrilhas estão sempre buscando evoluir ou simplesmente trazer uma novidade para a quadra junina, para que assim possa ter um destaque entre as demais, e para que possa também influenciar em suas pontuações e levarem a alcançar o tão sonhado topo de melhor quadrilha da disputa. E ainda visando outros rumos, como diz Michelle Silva:

“o traje é a peça fundamental pra quadrilha, porque se a gente não tiver o traje material não tem como dançar a quadrilha né (...) o Tião que era o nosso coreógrafo, ele ia a fundo mesmo, ia buscar bem profundo as coisas que ele colocava nesse ano que a gente veio representando a comida, aí o traje veio tudo em cima do que ele queria falar né, usando as damas como cozinheiras, usando avental, a bandeja de comida, essas coisas tudinho, e isso daí se torna tão importante que no outro ano, outros grupos compram o traje, e usam o mesmo tema, a mesma coreografia, às vezes eles não chegam a usar a mesma coreografia, mas eles usam o mesmo tema.” (Entrevista cedida por Michelle Silva, em sua residência, em 21/04/17)

Observamos que o traje tem uma proporção tão grande, que conseqüentemente acaba se tornando até um produto de venda, na entrevista cedida a mim, Michelle Silva fala também sobre os problemas financeiros que a Sensação Junina passa para se manter de uns tempos para cá, e percebo com a citação acima, que o traje junino é tão importante, pois, ainda pode servir de solução financeira para que a quadrilha possa se apresentar no ano posterior.

“(...) hoje eu já faço parte da diretoria, mas na época eu era apenas brincante, então pra gente eles não passavam logo (...) O traje, a gente tirava só medida aí no decorrer do tempo, depois com o tempo que a gente ia descobrindo, que as vezes vazava, aí ficava os comentários, “ah a roupa vai ser dessa cor, vai ser amarelo, tem vermelho também”, mas era só por alto mesmo que a gente ficava sabendo, até chegar mais próximo.” (Idem.)

E conforme os anos se passam, o traje vai ganhando mais destaque e importância em uma quadrilha, Michelle Silva, fala acima sobre em sua época, só conhecerem o traje perto do concurso. Hoje, em Soure especialmente, o traje já ganhou até uma festa só para a sua apresentação, a mesma acontece da seguinte forma, o presidente da quadrilha manda a ideia do tema para o estilista, que cria o desenho, e logo, é mandado para a costureira para que ela faça apenas um traje modelo, para que este seja apresentado em uma festa, para a torcida e curiosos.

3 O TRAJE TEATRAL

3.1 O TRAJE TEATRAL SEGUNDO FAUSTO VIANA

Segundo Viana, Traje Teatral, é uma derivação do termo, Traje de cena. Traje de cena é o que engloba todos os tipos de trajes de cenas artísticas, sejam elas de dança, teatro, circo, performance, e qualquer outro tipo de arte que contenha cenas ou suas variantes. Conhecido no Brasil como figurino pelo uso constante, principalmente, nas artes cênicas, Viana diz que se evita o termo figurino por razão de uma possível confusão com o figurino de moda, porém, diz também que o termo figurino, por causa da sua disseminação no Brasil, ainda será bastante utilizado, muitas vezes sendo empregado como sinônimo do traje teatral.

O Traje Teatral é mais que uma veste, ele está a serviço de uma narrativa, onde veste um personagem, e auxilia o espectador a adentrar o universo fantástico dessa personagem, e através da forma, da cor, colaborar com a atuação do ator. Através do traje teatral é possível identificar onde se passa a trama, o período histórico em que se passa a classe social em que essa personagem está inserida, a nacionalidade dela, se o lugar em que essa personagem vive, é real ou imaginário, entre muitas outras características.

Podemos identificar também, os acessórios como traje teatral, a partir do momento em que um dos objetos faça parte da identidade de tal personagem, levando o público a possivelmente identificar, as questões psicológicas, biológicas, sociais, culturais, econômicas, políticas da personagem através desses objetos, que variam. Uma bengala, um óculos, um chapéu, uma luva, uma bota, são exemplos de acessórios de figurino.

Na Quadrilha Temática, os acessórios são muito presentes, seja a flor que está no paletó de um cavalheiro e é retirada, e dada para a dama em certo momento da encenação que tem no meio da quadrilha, outro exemplo de acessório que posso colocar e que é quase sempre visto nas quadras juninas é o da arma que o cavalheiro vestido como o personagem lampião, traz amarrada por um fio em sua costa, e que no momento da encenação tira para fazer a cena em que foi ensaiada. E assim como no teatro, esses acessórios ajudam o público a identificar muitas vezes até a identidade e quem sabe a personalidade da personagem.

3.2 A IMPORTÂNCIA DO TRAJE TEATRAL PARA UM ESPETÁCULO TEATRAL

Assim como se precisa de estudo para criar uma personagem, ou um cenário, ou uma iluminação para um espetáculo, com o traje teatral não é diferente, pois, parte de uma narrativa para a sua elaboração.

“O espectador se impressiona primeiro pelo que é visível e humano, pela atuação, depois pelos materiais mais “invasores” como o cenário ou os figurinos, e por fim aquilo que autoriza a própria percepção: a iluminação.” (PAVIS, 2008, pg. 162)

Observa-se que Pavis coloca a visão do espectador como uma visão objetiva em sua citação, uma vez que os figurinos, o cenário, e a iluminação de um espetáculo são tão importantes quanto o atuante, mesmo que esse seja o primeiro elemento visual a ter a atenção do público. Para Patrice Pavis, o figurino possui grandes funções, uma delas é de caracterizar uma personagem, revelando seu “meio social, época, estilo, preferências individuais” (PAVIS, 2010, p.164)

Desse modo, observo mais uma vez a importância do traje teatral, não só para um espetáculo, mas dessa vez para o ator, que veste esse traje e dá vida a personagem. Sobre o figurino e o corpo, Pavis afirma:

“O figurino é tão vestido pelo corpo quanto o corpo é vestido pelo figurino. O ator ajusta sua personagem, afina sua subpartitura ao experimentar seu figurino: uma ajuda o outro a encontrar sua identidade” (PAVIS, 2010, pg. 164 e 165)

Se o figurino não condiz com que o ator está criando, ou vice-versa, a personagem é conseqüentemente prejudicada, afinal, sua identidade estará comprometida, Pavis nos mostra o valor do trabalho coletivo na citação acima, o quão importante é o ator e o figurinistas estarem sempre em conversa, contato.

“A qualidade de execução do traje também tem muito a dizer sobre quem o usou ou o espetáculo em que esteve integrado. Pode-se ver se são roupas caras, finas, básicas ou improvisadas, estudar o material empregado na sua construção: se são tradicionais, inovadores, ou se feitos de algum material nunca explorado antes. A roupa de teatro também tem, muitas vezes, o que se chama de “trucagem” – é o caso de um bolso que se coloca em uma casaca, por exemplo, para facilitar que o ator saque uma arma em cena de forma mais eficiente. A “trucagem” geralmente não é vista por fora.” (VIANA, 2012, pg. 21 e 22.)

Ao observar Viana citando a “trucagem” do traje teatral, imediatamente, sou levado a lembrar do traje junino, uma vez que a “trucagem” é um artifício muito usado nos trajes juninos. E no ano de 2007, a quadrilha Sensação Junina usa desse artifício no colete dos cavalheiros, uma vez que o colete dá ao público a ilusão de que está por cima da camisa manga comprida, quando na verdade está embutido nela, a “trucagem” também é aderida na saia das damas a partir do momento em que parece que são três saias, uma por cima da outra.

Como o próprio Viana comenta: “a ‘trucagem’ geralmente não é vista por fora”, e só se percebe que o colete dos cavalheiros é embutido em um espaço vazio na camisa manga comprida, se virar ela do avesso, e vale ressaltar que a “trucagem” no traje junino é um artifício da costureira para economizar o gasto de tecidos, e que, além disso, também ajuda na movimentação do brincante.

“Deus estaria nos detalhes? (...) é preciso saber reconhecer tais detalhes “insignificantes” que, muitas vezes, se abrigam em alguns elementos materiais privilegiados do espetáculo” (PAVIS, p 162. 2010). Após o questionamento de Pavis, me sinto instigado a buscar respostas, Deus realmente estaria nos detalhes, e foi nos detalhes do traje de 2007 que eu me encantei? Sinto-me instigado a achar essas respostas! O que foi que me levou a trabalhar com traje junino e traje teatral nessa monografia?

4 O TRAJE JUNINO CARACTERIZADO COMO TRAJE TEATRAL

Em 18 de abril de 1988 minha avó, Nilse Maria, decidiu que estava no momento de ter uma quadrilha junina infantil no bairro onde morava, uma vez que as pessoas do bairro tinham que se locomover pra outros bairros para brincar o São João, então junto com algumas amigas, criou uma quadrilha a qual batizou de Explosão Junina, a mesma veio a terminar em 1993, porque quem a ajudava a manter, era seu filho Márcio Luís e um amigo dele chamado Amarildo Felipe, nesse ano o Márcio, mais conhecido na cidade de Soure como, Márcio Sarará, ou apenas Sarará, decidiu montar uma quadrilha adulta, e contou com a ajuda do Amarildo Felipe e de mais dois amigos, sendo assim, a única saída de Nilse Maria era dar uma pausa na Explosão Junina, pois, não conseguiria manter a quadrilha infantil sem a ajuda de Márcio Luís e Amarildo Felipe. Sobre o motivo da criação da quadrilha adulta da família, Márcio Luís explica:

“A quadrilha Sensação Junina de Soure foi fundada no ano de 1993 por uma situação. Eu ensaiei em uma quadrilha que se chamava tradição junina, e em 92 essa quadrilha, a tradição junina foi desfeita por situações políticas (...) e em uma reunião no dia 9 de março de 1993, nós fundamos, formamos a quadrilha que hoje se chama Sensação Junina de Soure.” (Entrevista cedida por Márcio Luís, em sua residência, em 21/04/17)

A Quadrilha Sensação Junina, conseqüentemente se tornou a segunda quadrilha da família, dando continuidade à tradição, ainda que o motivo da formação fosse outro. Tendo Márcio Luís como presidente, a quadrilha foi crescendo e começou a ganhar um público que torcia, que apoiava e que seguia a mesma, sendo nos concursos ou em pequenas apresentações.

Qual motivo de ter escolhido trabalhar com o traje da Quadrilha Sensação Junina de Soure? Quais aspectos me levaram a escolher, principalmente e exclusivamente o traje do ano de 2007, uma vez que eu poderia ter escolhido qualquer outro ano? Chapéu de palha, roupas remendada, fitilhos coloridos, laços de fita, “bandeirinhas”, são minhas primeiras lembranças de elementos que compunham o traje junino da época. E como cresci nesse meio, é impossível não lembrar as festas de São João feitas na rua, onde vestíamos a camisa quadriculada de botão, o calção jeans com pedaços de estampas remendadas e as “bandeirinhas”, o chapéu de palha e íamos “pular fogueira”, dançar quadrilha, brincar o São João. Os trajes da Quadrilha

Sensação Junina entre 1993 e 2002/2003 seguiam esse estilo, conhecido em Soure como caipira.

A partir de 2003, pude perceber que a Quadrilha Sensação Junina começa a se transformar, não perdendo totalmente a essência do caipira, mas dessa vez acrescentando uma novidade, que é trabalhar um determinado tema na quadrilha, escolhido pela diretoria da mesma. O traje, assim como todos os outros elementos que compõem a quadrilha junina, como coreografia, misses, marcador, música, e etc., foram conseqüentemente afetados por essa novidade. Após a novidade de trabalhar um tema na quadrilha, a Sensação Junina, passou a ter mais destaques em suas apresentações e no concurso de Soure, principalmente porque isso era algo novo.

“as primeiras quadrilhas a trabalhar com temas foram as quadrilhas do interior (...)no meu caso, eu sempre gostei de dar uma cara aos meus trabalhos, mostrar uma história dentro das apresentações”. (Entrevista cedida por Sebastião Silva, por telefone, em 31/01/18).

Ao falar sobre mostrar uma história dentro das apresentações da quadrilha, já identifico um novo elemento da Quadrilha Temática, que é a encenação. A encenação em uma Quadrilha Temática é comum, e obrigatoriamente tem que ser criada a partir do tema da quadrilha, assim como o traje temático, que tem uma grande influência na encenação, pois, é o elemento responsável por mostrar ao público quais personagens os brincantes estão representando na cena.

A novidade começou a ser um ponto forte na Sensação, após a mudança do Caipira para o Temático e Márcio fala que, “(...) conforme a modernidade da quadra junina, fomos evoluindo, fomos em busca de tentar sempre fazer o melhor, qual era o melhor aqui pra gente na época? Era se espelhar nas quadrilhas de Belém” (IDEM), observando a fala de Márcio Luís, e segundo minha vivência com a Quadrilha Sensação, entendo que o espelhar que ele fala, era constante, pois, a Sensação sempre levava algo novo para o São João de Soure, levava aquilo que as quadrilhas de Belém faziam e juntando com as ideias do Sebastião Silva, logo, no interior tudo isso chegava como novidade.

O traje junino que antes trazia uma simplicidade, que quase passava despercebido, agora nesse momento, que entra na quadrilha o elemento tema,

percebo que começa a ganhar mais destaque, e também mais admiração do público, assim como dos próprios brincantes. Eleonora Leal em sua pesquisa, diz:

“(...) até chegar ao que eu fui denominar de Quadrilha Roceira Moderna, conheci outra derivação desta dança que aconteceu nos anos 80, gerado pelos próprios atores sociais, conhecidos por brincantes nessa manifestação da cultura popular que está inserida na quadra junina. A chamada Quadrilha Moderna foi aos poucos sendo introduzida pelos quadrilheiros, nas apresentações das festas e, principalmente, nos concursos, mas como de certo modo rompia com a Quadrilha Tradicional Roceira, como veremos no decorrer do texto, era apresentada na periferia dos bairros durante os festejos juninos.” (LEAL, 2011, pg. 51 e 52.)

Eleonora fala sobre outra derivação da quadrilha, onde em seu estudo, observa que existe outro estilo de dançar a quadrilha, o que ela intitula Quadrilha Moderna. Pela minha vivência e estudo, para quem faz parte desse mundo junino, modificação é uma palavra que em sua prática, é percebida com frequência, e especialmente para aqueles que fizeram/fazem parte da Quadrilha Sensação Junina de Soure.

O traje foi um dos elementos que ganharam muita força na Sensação Junina com a modificação do estilo caipira para o temático na quadrilha, e para quem tem vivência com a Sensação Junina é absurdamente nítida a modificação que o traje sofreu, depois do ano de 2003, período esse de mudança da quadrilha caipira para a quadrilha temática. Começo dando destaque ao elemento, tema, pois, foi uma das primeiras e ousado dizer que foi a mais objetiva causa de modificação, nos trajes da Sensação de 2003 para 2004, onde a visualidade do mesmo teria que repassar ao público o tema da quadrilha sem que alguém precisasse dizer do que se tratava. Outra causa de modificação foi a chegada da combinação de cores que antes pouco era se vista nos trajes da Sensação, e quando vistas, não traziam a carga de significados que as cores passaram a ter, após Sebastião Silva, mais conhecido como Tião, chegar na quadrilha Sensação Junina, onde ficou entre 2001 e 2010, responsável por elaborar os elementos, coreografia e traje junino. Foi com ele, que os trajes da quadrilha Sensação Junina passaram a ter também cores mais vibrantes, mais vivas, e o que ele cita em sua entrevista como cores alegres.

O tema, dessa vez, como mote de partida de uma quadrilha junina, levou a Sensação a se diferenciar ainda mais das demais quadrilhas de Soure, que ainda estavam focadas em levar para a quadra junina o jeito de dançar tradicional, sendo assim, a Sensação passou a ter mais destaque, ganhando concursos consecutivos

em Soure, com isso, atraindo mais brincantes para a mesma, que passou a disputar concursos também fora de Soure, e investir ainda mais na Quadrilha Temática.

Em 2004 o tema foi “É do Pará”, aonde a quadrilha vinha homenageando o estado do Pará. No traje estavam estampadas as cores da bandeira, branco, vermelho e azul escuro, contendo também, cuinhas, palha de chapéu modelada ao traje feminino como uma espécie de gola, cuias como adereço de mão, passarinhos de miriti no chapéu dos cavalheiros e no arranjo das damas, e a bandeira do Pará estampada na calça e na camisa dos cavalheiros e na saia das damas.

Em 2005, o tema era “Viva São João, viva o rei do baião”, outra homenagem, dessa vez, ao famoso rei do baião, Luiz Gonzaga. O traje nas cores azul e rosa, eram quase que uma cópia da famosa roupa de Gonzaga, o chapéu de couro, as sandálias de couro, e como adereço de mão, não podia faltar a sanfona.

Já em 2006, o tema escolhido foi o “Casamento na Roça”, muito conhecido na quadra junina por trazer como destaque a fé em Santo Antônio, o santo casamenteiro. Um dos grandes diferenciais do traje ficou na escolha da cor, uma vez que falar sobre casamento na roça, já imaginam os pares todos nas cores brancas, e a Sensação dessa vez traz a quadrilha nas cores, salmão e verde bebê. As damas vinham representando as noivas, os cavalheiros como noivos, e o marcador como Padre, essas são figuras óbvias quando se trata de casamento na roça, e a Sensação, mais uma vez conseguiu despertar em mim uma sensação de surpresa e euforia, quando no meio da apresentação, ocorreu uma cena teatral, onde o marcador da quadrilha, que era o padre, se transformou em Santo Antônio.

O traje da quadrilha Sensação Junina do ano de 2007 foi o escolhido para ser trabalhado nesta monografia, uma vez que com a modificação que o traje junino recebeu com a chegada do “tema”, o mesmo passou a ter destaque, sendo agora um dos elementos mais esperados e importantes em uma quadrilha junina, pelo outro tipo de visualidade que traz, principalmente, na Sensação Junina.

A Quadrilha Sensação Junina no ano de 2007, tinha por tema: “todo ano tem comida, tem bebida e tem balão”, conseqüentemente, todos os elementos que formavam a quadrilha eram influenciados por este tema. Nos 3 anos anteriores, a Sensação trouxe também o estilo de quadrilha que chamo “Quadrilha Temática”, porém, o que mais me prendeu nesse ano de 2007 e fez com que eu tivesse desejo de falar deste ano, foi justamente como foi trabalhado, a criação em cima deste tema.

Figura 5 - Traje de 2007



Fonte: Facebook da Quadrilha Sensação

“Luiz Gonzaga”, “Homenagem ao Pará”, “Casamento na roça”, esses temas eram e são comuns no universo junino paraense, quase todos os anos um desses

temas são montados por inúmeras quadrilhas, e minha motivação de escrita parte dessa novidade, do que pareceu novo aos olhos de um menino de interior, que mesmo já tendo vistos inúmeras quadrilhas dentro e fora de Soure, ainda não tinha visto algo tão simples e tão criativo, da forma que foi em 2007.

“O tema é um trabalho de pesquisa que nós temos que fazer, por exemplo, nós temos que fazer tal tema, tem que ir em busca na internet, buscar sempre vê o que é melhor, pra tentar incluir aquilo naquele pequeno espaço de vinte minutos que vão fazer as apresentações.” (Entrevista cedida por Márcio Luís, em sua residência, em 21/04/17)

É notório que a pesquisa é a primeira parte da escolha de um tema, afinal, não se pode criar nada para uma quadrilha temática, se não tiver um estudo do tema, principalmente porque o tema é o elemento indutor da criação de todos os outros elementos numa quadrilha temática. E falando exclusivamente da Sensação Junina no ano de 2007, o estudo obrigatoriamente passou a ser mais rigoroso, afinal, a quadrilha nesse ano seguiu o estilo de quadrilha temática e trouxe em sua composição, novos elementos, que não haviam no estilo caipira, como: adereço de mão, acessório de figurino, uma encenação, coreografia, música e traje elaborados a partir de um tema.

Ao entrar na universidade e conhecer um pouco do universo teatral, pude perceber semelhanças entre o fazer teatral e o que a Quadrilha Temática traz. Assim, ao mesmo tempo que descrevo, compreendo minha forma de pensar essa ligação entre o traje junino e o traje teatral, tanto do ponto de vista prático quanto teórico. Sobre a escolha de tema para a Quadrilha Sensação Junina no ano de 2007, Márcio Luís diz que:

“(...) o tema da comida foi porque a gente tinha na época o Tião que trabalhou com a gente desde 2001, que foi o coreógrafo que ficou com a gente até 2008, ele passou uma temporada e era ele que vinha com essas ideias, a gente dava a maior liberdade pra ele, pra ele escolher, e ele vinha “Márcio, olha, tô pensando isso, bora tentar fazer isso?” Eu digo: Bora mano, bora”, aí “encarava”, e ele pesquisava tudinho e foi, aí foi e ele falou pra mim, “Márcio, bora fazer uma coisa assim, meio diferente, porque a gente já falou sobre o sertão, sobre algumas coisas (...)” (entrevista cedida por Márcio Luís, em sua residência, em 21/04/17).

Tudo parte da pesquisa, e Márcio Luís afirma isso em sua entrevista quando diz que o tema da quadrilha é um trabalho de pesquisa, onde eles vão buscar na internet, e em outros lugares, sempre visando colher o melhor material para incluir nas apresentações da quadrilha, que duram em média até 20 minutos

Figura 6 - Brincantes da Sensação Junina



Fonte: Facebook da Quadrilha Sensação

Márcio Luís ainda diz em sua entrevista, que nessa época em que Tião fez parte da Sensação, que durou de 2001 a 2008, era ele quem elaborava tudo da cena, desde a coreografia ao traje.

“(...) naquela época era assim que ele fazia: “hoje eu vou passar o dia todo na costureira”, ele ia pra lá, daí ele levava o material pra lá e ficava, “faz assim”, “eu quero assim”, quando a gente ia ver lá, é quando já tava pronto, já tava feito, ele tirava praticamente da cabeça dele (...)” (idem.)

Observa-se com a fala de Márcio Luís que após sair a criação da cabeça de Tião, e passar pelas mãos das costureiras, o traje era apresentado ao dono da quadrilha e aos brincantes. A quadrilha vinha nas cores vermelho, amarelo, branco e estampado. Márcio Luís diz na entrevista que até para escolher as cores do traje, Tião tinha um motivo específico, que obviamente, surgia de um estudo. Lembra que a cor vermelha e branca eram por ser as cores da bandeira do Pará, o amarelo por causa do milho, que era um dos principais alimentos da época junina, e o estampado para remeter ao alegre da quadra junina.

figura 7 - quadrilha na quadra junina de Soure



Fonte: Facebook da Quadrilha Sensação

As damas vinham representando as cozinheiras do São João (figura 8), o vestido era nas cores vermelho, amarelo, branco e estampado, o arranjo era composto por flores vermelhas e amarelas e tuli branco que era usado para o acabamento da peça, no cabelo usavam duas tranças enfeitadas por fitas vermelhas e amarelas, no pescoço era usado uma gargantilha de flores amarelas e vermelhas, nos pés usavam um meião de renda branca, e o sapato era encapado com o tecido estampado, que também era usado no último folho da saia do vestido, no detalhe das mangas e da lateral da saia, na parte da frente da saia era usado um avental, e por cima dele um amontoado de fitilhos era visto, por baixo existia uma letra, onde em certa parte da coreografia, todos os brincantes formavam o tema da quadrilha com essas letras, embaixo da saia existia a anágua, que era vermelha e amarela, e com fitilhos caídos nas mesmas cores, e embaixo da anágua tinha o calção feito do tecido estampado, e no final com tecido amarelo e detalhes vermelhos, na mão esquerda traziam uma peneira para dar a idéia de bandeja, e em cima dela tinham representações feitas de isopor das comidas típicas do São João, reforçando a idéia do personagem, vale ressaltar que no último dia da apresentação em Soure, as comidas de isopor foram substituídas por comidas de verdade e distribuídas ao público.

As misses tinham o mesmo modelo de traje das damas, apenas variando a cor, onde as cores dos trajes das misses tinham a ver com suas apresentações solos. Na foto abaixo (figura 9), Milena Silva, miss mulata cheirosa da Quadrilha Sensação Junina do ano de 2007, com seu traje nas cores marrom, branco e o estampado de onça, pois, era referência a sua dança solo, que tinha por tema a cultura africana, na parte lateral do vestido trazia uma máscara africana, novamente fazendo referência ao seu tema da apresentação solo, e assim como na parte lateral, a máscara também era vista no avental da miss, que na parte de baixo do avental também trazia uma letra escondida como as demais damas da quadrilha, a anágua era marrom e branca, com fitilhos caídos nas mesmas cores, e o calção era do tecido estampado, com o final na cor marrom e com detalhes brancos, diferente do arranjo das damas, o da miss mulata era mais simples, sem muitos detalhes, apenas uma fita marrom e fitas e rendas brancas, e no cabelo usava tranças rastafári, o sapato era simples, totalmente preto, e o meião era de renda branca, e na mão esquerda também trazia uma “bandeja de comidas típicas do São João”.



Fonte: Michelle Silva

Figura 9 - traje da miss mulata



Fonte: Michelle Silva

Os cavalheiros vinham representando os garçons das festas juninas, a camisa era amarela com alguns detalhes em fitas e gregas vermelhas e rendas brancas, suas mangas eram encapadas com rendas brancas e fitas e gregas vermelhas, embutido na camisa através da trucagem, e dando a ilusão de estar por cima da mesma, tinha um colete vermelho, enfeitado com bandeirinhas coloridas, grega amarela, por cima do colete e da camisa, tinha uma peça em tecido estampado com o acabamento na lateral feito por renda, e por cima dessa peça uma gravata vermelha, a calça era na cor vermelha, enfeitada com bandeirinhas coloridas, renda branca, grega amarela, e a peça amarela que representava o avental nas damas, nos cavalheiros fica na parte lateral da calça dando a idéia de pano que os garçons usam para limpar as bebidas, e assim como no avental das damas, nos cavalheiros também existia uma letra embaixo desse pano de limpar bebida, o sapato dos cavalheiros eram vermelhos e amarelos, e o chapéu de palha era encapado com os tecidos do traje, as fitas, as gregas, as bandeirinhas coloridas, a renda e também com flores vermelhas e amarelas, igual o arranjo das damas.

E o marcador, que ganhou um grande destaque na quadra junina, alegrando todos os que estavam ali para ver a quadrilha, pois, era o personagem mais original e com uma criação mais elaborada, o pipoqueiro das festas juninas. Tião diz na entrevista cedida a mim, que precisavam que o marcador tivesse um papel marcante na quadrilha, já que era quem comandava a mesma, e então em sua pesquisa, viu que o pipoqueiro era exatamente a figura que buscavam. E na entrevista com Márcio Luiz, ele fala sobre esse processo de escolha do personagem, pipoqueiro, e coloca:

“poderia ser até que ele usasse nas roupas dos meninos, poderia até ser que os brincantes fossem vim de pipoqueiros, mas colocamos especifico no marcador, que o marcador é uma peça fora da quadrilha, diferente, diferenciado, aí usamos esse personagem de pipoqueiro”. (entrevista cedida por Márcio Luís, em sua residência, em 21/04/17)

O traje do marcador, não foi o elemento mais pensado durante a criação do pipoqueiro, seu traje não se diferenciava tanto do traje dos cavalheiros, era o mesmo modelo, só o que diferenciava mesmo eram as cores, onde, o que no traje dos

cavalheiros era amarelo, no do marcador era vermelho, e o mesmo acontecia com as demais cores, como o branco e vermelho.

Figura 10 - traje dos cavalheiros



Fonte: Facebook da Quadrilha Sensação

A surpresa do marcador da quadrilha neste ano ficou por conta do objeto utilizado pelos pipoqueiros, o carrinho de pipoca (figura 10), o marcador da Sensação Junina que no momento representava o pipoqueiro, entrava na quadra distribuindo pipoca para o público ao mesmo tempo em que a quadrilha entrava na quadra, e essa era uma novidade que enlouqueceu todos ali presentes, foi uma surpresa que deu certo, ajudando a quadrilha Sensação Junina a ganhar vários concursos no ano de 2007.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este percurso no qual associei os relatos de pessoas que fizeram parte da Quadrilha Sensação Junina no ano de 2007, com minhas vivências e meus estudos sobre quadrilhas juninas, e também com pensamentos de teóricos teatrais, que falam sobre o traje junino e sobre traje teatral, acabei me deparando com questões que me fizeram refletir sobre meu objeto de estudo desta monografia. Do ponto de vista teórico, considero que avancei na análise sobre as questões centrais que envolvem o título desta monografia, em torno da proposta do que seria o traje junino caracterizado como figurino teatral.

Considero que obtive respostas conclusivas para esta complexidade inerente ao traje junino caracterizado como traje teatral, pois, ao começar a escrever, tinha noção do que queria falar, apesar de deixar aberta minha mente para o que poderia surgir durante a escrita, uma vez que seria um trabalho de análise, de observação, e algo novo poderia surgir, e ao começar o trabalho de escrita, fui percebendo que as semelhanças que um dia me motivaram a escrita deste trabalho, eram concretas, e pegando cada fala de teórico e comparando com falas do presidente da Quadrilha Sensação Junina e também com meus estudos e vivências, pude notar que essa semelhança ia além, do brincante apenas estar vestido como uma personagem.

Esse fato me estimulou a querer escrever mais e mais, além de que me trouxe novamente o desejo de mergulhar em estudos sobre quadrilhas juninas, seus tipos de dançar, seus estilos de trajes, o que eu já não fazia com tanta frequência.

Durante meus estudos e fazendo uma “volta ao passado” para lembrar sobre questões da quadrilha do ano de 2007. Conclui que o traje a ser trabalhado nesta monografia tinha realmente que ser o do ano de 2007, pela novidade que levou a quadra junina na época, por trabalharem em cima do traje afim que ele atingisse o público de forma com que o mesmo pudesse identificar sobre o que a quadrilha estava se tratando neste ano, e até mesmo por consegui contemplar o teatro de forma tão contundente na quadra.

“Todo ano tem comida, tem bebida e tem balão”, rendeu mais do que viagens e títulos, rendeu um Traje Temático memorável, que dialoga com o teatro da forma mais incrível, e que hoje aquele garoto de 11 anos que tinha se encantado com o traje de

2007, depois de ter adentrado a Universidade Federal do Pará, e ter conquistado conhecimento sobre o objeto, se encanta ainda mais, pois, teve a oportunidade de pensar sobre, de deixar registrado algo que é tão importante para sua avó, seu tio, sua família, e para ele, melhor dizendo, para mim.

Enfatizo a importância de escrever sobre o traje junino, na academia, no curso de licenciatura em Teatro, principalmente, sobre Traje Temático, pois, é tipo de traje junino que mais chega perto do fazer teatral, que veste uma personagem em um dançarino, e o dar o poder de ser ele dançando e ao mesmo tempo, o noivo, o garçom, o pescador, o pipoqueiro, o cangaceiro, entre muito outros personagens, e que mostra a mim que o teatro pode estar em todos os lugares, em todos os tipos de arte, em todo o ser humano.

6 REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ABRANTES, Samuel. **Heróis e Bufões: o figurino encena**. Rio de Janeiro: Agora da Ilha, 2001.

LEAL, Eleonora Ferreira. **CONTANDO O TEMPO: A QUADRILHA MODERNA DOS ANOS 80**. Revista: Ensaio Geral. 2011.

PAVIS, Patrice. **Dicionário de teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

PAVIS, Patrice. **A análise dos espetáculos: teatro, mímica, dança, dança teatro, cinema**. São Paulo: Perspectiva: 2010

PEREIRA, Dalmir Rogério. **Diário de Pesquisadores: Traje de cena**. São Paulo: Estação das Letras, 2012.

RANGEL, Lúcia H. V. **Festas Juninas Festas de São João Origens, Tradições e História**. São Paulo. 2008.

VIANA, Fausto. **O Figurino das Renovações Cênicas do Século XX**. Tese de doutorado, São Paulo: USP, 2004.

VIANA, Fausto. **O Figurino teatral e as renovações do século XX** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2010.

VIANA, Fausto; BASSI, Carolina. **Traje de cena, Traje de folguedo**. São Paulo, 2014.

VIANA, Fausto. **Uma coleção de trajes de cena: como lidar com ela?**Anais do 1 seminário de preservação de acervos teatrais. 2012.

FIGURA 1 - Disponível em: <<http://www.papodegordo.com.br/2009/06/27/historia-da-quadrilha-de-sao-joao/>>. Acesso em: setembro. 2017

FIGURA 2 – Disponível em: <<http://www.xalingo.com.br/blog/2011/06/preparando-uma-festa-de-sao-joao-em-familia/>>. Acesso em: setembro. 2017

FIGURA 3 – Disponível em: <<http://www.agenciabelem.com.br/Noticia/148340>>. Acesso em: setembro. 2017

FIGURA 4 – Disponível em: <<http://www.fashionbubbles.com/festas-tematicas/sao-joao-2011-trajes-tipicos-para-quadrilhas-e-festas-juninas/>>. Acesso em: setembro. 2017

FIGURA 5 – Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=369107963540529&set=a.369105400207452.1073741832.100013239854164&type=3&theater>>. Acesso em: novembro. 2017

FIGURA 6 – Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=369107923540533&set=a.369105400207452.1073741832.100013239854164&type=3&theater>>. Acesso em: novembro. 2017

FIGURA 7 – Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=369107856873873&set=a.369105400207452.1073741832.100013239854164&type=3&theater>>. Acesso em: novembro. 2017

FIGURA 10 – Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=369107796873879&set=a.369105400207452.1073741832.100013239854164&type=3&theater>>. Acesso em novembro. 2017

7 ANEXO I

Entrevista com Márcio Luís, presidente da Quadrilha Sensação junina de Soure, em sua residência:

A quadrilha sensação junina de Soure foi fundada no ano de 1993 por uma situação, eu ensaiei em uma quadrilha que se chamava tradição junina, e em 92 essa quadrilha, a tradição junina foi desfeita por situações políticas, e como a gente ia ficar sem algo aqui no bairro que já era tradição de todos os anos, os jovens dessa época dançarem quadrilha, gostarem da quadra junina, daí nós, um grupo de jovens, se reuniu, pra que isso não acontecesse, achamos de colocar um grupo junino pra participar dos eventos juninos do nosso município, e em uma reunião no dia 9 de março de 1993, nós fundamos, formamos a quadrilha que hoje se chama sensação junina de Soure, é que era no caso, os fundadores, que sou eu, que sou o Márcio, o Amarildo, que é o "Tio Ama", o "Cabeça", que é o Wladimir do Espírito Santo, e o Medson Trindade, que é o "Merão", quatro amigos, e os outros que por trás trabalharam em prol de conseguir também isso, só que na verdade a fundação mesmo mais foi dessas quatro pessoas, e uma quinta pessoa que foi a pessoa mais responsável ainda que deu-nos força pra conseguir que foi a..., na época uma pessoa de muita importância aqui dentro de Soure, que foi a dona Edna Abdon, e foi o Joel daqui que é um amigo nosso, que nos levou lá com ela, ela aceitou o desafio, conversamos com ela e ela aceitou o desafio, ela e a família dela entraram com a gente nessa briga, e foi que fez praticamente hoje, a Sensação ser o que é, é por causa dela, e se ela não desse a força naquele momento pra gente, acho que talvez a gente não sairia, por que a gente não tinha condições na época, financeiras, a gente tinha... como eu falei, a gente era uns jovens, que não tinha nada, a gente não tinha emprego, não tinha nada, foi uma aventura mesmo, uma aventura que fizemos pra que hoje existisse a quadrilha sensação junina, e graças a Deus, estamos aí.

Esse tipo novo (de quadrilha) nós já começamos a mudar, de 2009 pra cá, foi onde passamos esse período praticamente todo de 93 até 2008 quase esse estilo caipira, caipira como dizem né, que é um caipira meio chique, veio primeiro o caipira, depois conforme a modernidade da quadra junina, fomos evoluindo, fomos em busca de tentar sempre fazer o melhor, qual era o melhor aqui pra gente na época? Era se

espelhar nas quadrilhas de Belém, e de 2000 e... Não, sempre trouxemos, quase depois desse período, porque nessa época era mais, era caipira que era usado, e aí nós procuramos sempre assim, nos espelhar muito nos grupos juninos de Belém, e como a gente ainda faz até hoje, nós começamos a impactar em termos de tema, foi 2003, não, 2004, 2004 parece que foi a primeira vez que a quadrilha foi com um tema, 2003 ou 2004, eu sei que eu lembro bem que em 2004, a gente veio com o tema "É do Pará" e era falar sobre mais ou menos, algumas coisas do nosso Pará, que nosso traje era todo feito de materiais artesanais, negócio de cuinha, cuia, aquelas gregas de palha, o Chapéu de palha, essas coisas tudo enfeitadas na roupa, a gente cortava o Chapéu de palha, e todo esses materiais que hoje são usados, que usam nas feiras, que vendem, essas coisas que usamos muito, de lá pra cá eu lembro, que 2005, que já começou com os temas mais fortes, que foi Luiz Gonzaga, que viemos falando sobre a vida, sobre a história de Luiz Gonzaga que foi um ano muito bom pra gente, 2006 nós já viemos falando sobre o casamento, que era sobre Santo Antônio, que foi o casamento na roça, 2007 foi esse tema "tem comida, tem bebida e tem balão" que era a gente contando a história da quadra junina nas regiões, que a gente vinha falando sobre as comidas que são feitas nas festas juninas, daí os balões que enfeitam os terreiros de São João, e assim uma andança que foi feita, e cada região tem os seus costumes, e por isso nós procuramos trabalhar em cima desse tema, que também foi muito forte. O tema é um trabalho de pesquisa que nós temos que fazer, por exemplo, nós temos que fazer tal tema, tem que ir em busca na internet, buscar sempre vê o que é melhor pra tentar incluir aquilo naquele pequeno espaço de vinte minutos que vão fazer as apresentações. Assim, o tema da comida foi, porque a gente tinha na época o Tião que trabalhou com a gente desde 2001 que foi o coreógrafo que ficou com a gente até 2008, ele passou uma temporada e era ele que vinha com essas idéias, a gente dava a maior liberdade pra ele, pra ele escolher, e ele vinha "Márcio, olha, tô pensando isso, bora tentar fazer isso?", eu digo "bora mano, bora" aí encarava, e ele pesquisava, tudinho e foi, aí foi e ele falou pra mim "Márcio, bora fazer uma coisa assim, meio diferente, porque a gente já falou, sobre o sertão, sobre algumas coisas, bora tentar fazer um tema que fale das coisas (comidas) usadas nos estados, porque cada estado tem sua culinária diferente né, aqui (Pará) por exemplo nós gostamos disso, em outro estado eles gostam de outra situação, cada um estado é diferente a coisas, e foi por isso, aí eu disse "bora encarar" daí foi bom porque a gente trazia assim, eu lembro da época, as meninas traziam uma bandeja, uma

bandeja com os negócios das comidas típicas, que era um pouquinho de cada coisa, era bolo, era canjica, nós fizemos lá eu não recorro muito, mas eu lembro que tinha essa bandeja que as meninas dançavam com ela na mão, e pra tentar mostrar as situações culinárias de cada estado e das regiões, e o nosso marcador na época veio até de uma figura importante da quadra que quase não é visto que é o pipoqueiro, porque acho que quase em toda a festa junina, que de primeiro tinha o pipoqueiro pra vender as pipocas pras pessoas, pras crianças, que sempre e até hoje gostam né, e foi até marcante isso porque o pessoal achou diferente, que ele entrava com um carro de pipoca no meio da apresentação e dava pipoca de verdade, eu lembro que teve uma situação nuns dois concursos que nós participamos que as crianças queriam até entrar quase no meio da apresentação só pra querer pegar a pipoca, foi muito legal, foi muito bom esse ano, esse tempo, foi muito bom.. As damas vinham com uma bandeja, o marcador era o pipoqueiro, os cavalheiros eu não lembro muito bem, mas o que era mais trabalhado na época, nesse ano, foi as meninas que foi essa situação de elas trazerem essa coisa, que elas faziam movimentos com a bandeja, trabalhava muito, elas mostrando, eu ainda lembro até que não sei se foi antes ou no final, elas deram, que era comida de verdade né que a gente levava, aqui no concurso daqui do nosso município, elas até deram, ofereceram pro público, assim, o que tinha pra pegar, ainda comeram tudinho, que não era de brincadeira, era comida mesmo que a gente mandava fazer pra dar né, aí dava igual na apresentação, antes da apresentação quando entrava o grupo daí dava nas mesas, era assim. Na época quando começamos era praticamente tudo normal, o traje mesmo era só visto, só praticamente na hora da apresentação, no dia da apresentação, por que cada um procurava esconder, era uma surpresa praticamente, principalmente aqui no nosso município, quando a quadrilha chegava nos concursos daqui, daí já era uma surpresa, todo mundo esperava pra vê como é que vinha o traje do grupo, hoje em dia não, hoje em dia já é diferente, já tem a festa de apresentação do traje, procura mandar fazer um pra mandar fazer uma festa de lançamento né, que é pra mostrar Serve até para angariar recursos, pra incrementar no próprio traje, por que tudo a gente procura fazer, de trabalho, porque aqui a gente trabalha muito com negócio de bingos, com festas normais, venda da própria comida, pra gente angariar recursos pra manter o grupo por que cada vez tá ficando mais difícil. Até neste período de 2008 quem fazia todo esse trabalho (coreografia, traje) era o próprio Tião, ele era praticamente... ele era o coreógrafo, o estilista, ele que escolhia por exemplo os materiais em Belém, e fazia

esse trabalho todinho, hoje em dia não, hoje em dia são pessoas diferentes, tem vezes que quem faz o traje de miss, tem aquela pessoa já preparada pra fazer o traje de miss, tem o da quadrilha, o do marcador, é assim, hoje em dia mudou muito, mas naquele ano, naquele tempo foi ele quem fez, daí ele fez uma coisa bem, que ele achou né, também não foi uma coisa assim "bem trabalhada" (que gastaria muito), eu lembro que era um traje amarelo e vermelho, daí tinha as explicações, por que o amarelo representava o milho da comida típica, o vermelho eu sei que era por causa daqui da nossa região, por causa das cores que são do Pará né, igual o branco também. Os adereços eram construído pelos próprios brincantes, lá o Tião dizia como queria, e a gente vinha e pedia, "vamos gente aqui pra casa, vem todo mundo, vem um grupo, e vamos fazer isso", a gente fazia a primeira e aí a galera metia o coisa pra construir o restante, e até um tempo, até em 2008 foi assim, Eu lembro que em 2008, que era os bonequinhos que todo mundo costurava, quando era os sapatos que eram encapados naquela época que depois de 2001 pra cá, cada um fazia e encapava o seu sapato, a gente procurava saber quem costurava, quem sabia assim mais ou menos, pra fazer esse coisa, e procurava um ajudar o outro, e era assim, mas agora não, agora a gente já paga tal coisa, por exemplo o chapéu que é feito, a gente já paga uma pessoa só pra fazer o chapéu, algum adereço, alguma coisa que leva na roupa, praticamente hoje quase tudo é pago, já não tem aquela coisa que é como tinha nos anos anteriores. O sapato dessa época era encapado, com o pano da... por exemplo a gente pegava esse sapato desses que na época era barato, pegava um tipo de sapato como era Preto ou Branco, daí a gente pegava o pano que eu lembro que desse de 2007 era vermelho e amarelo, daí o estampado que a gente falava, era o vermelho, daí esse que era encapado, daí ficava parece assim que era feito na fábrica, que o pessoal fazia tão perfeito que pensavam que a gente comprava na época, e não, era o pessoal mesmo que faziam a mão, costuravam a mão. No nosso município sempre assim a gente sempre procuramos ser, procuramos fazer as primeiras coisas, é por isso assim que até hoje nós somos meio assim diferenciados, porque nós procuramos como eu te falei desde o início, procuramos conforme o tempo ir mudando, conforme as quadrilhas da capital vão evoluindo, a gente procura evoluir, também não deixando morrer as tradições né, mas a gente procura também evoluir, mas também muitos desses daqui não fazem isso, mantém aqueles trabalhos antigos, tem muitos grupos aqui que tem aqueles trabalhos antigos ainda Muda alguma coisa, mas não é assim tanto como nós mudamos e sempre nós viemos, e vem dentro dos

anos com uma novidade, com algo diferente. A gente procura fazer isso, de tentar sempre trazer alguma coisa que é inovadora, a gente tenta sempre melhorar e que se torne assim uma coisa que todo mundo goste aqui, os torcedores, por que durante esse período também uma coisa que nós conseguimos, que é de grande importância pra gente, é as pessoas que gostam do nosso grupo, que torcem pra nossa quadrilha, porque eu lembro que quando a gente formou em 93, era só um grupinho dos amigos que na época eu tinha um clube de futebol que era meus amigos que tava lá pra torcer, hoje em dia se você for vê, deve ter no nosso concurso aqui, no nosso ginásio aqui no município a gente toma quase parte até da maioria do ginásio, por que ao passar do tempo a gente foi ganhando os adeptos, simpatizantes, pessoas que gostam do nosso trabalho e que dá suporte ao nosso grupo junino. O chapéu era feito pelos brincantes, o arranjo também, não, o arranjo já era na época, já era pago como era uma coisa assim, que já achavam que era mais complicado, mandava e já era feito em Belém, o Chapéu não, o Chapéu era feito aqui, os meninos mesmo faziam, o arranjo que como tinha que ser uma coisa mais bonitinha, aí já pagava gente em Belém pra fazer. O tema, conforme o tema a gente procura fazer assim alguma coisa em cima daquele tema, que tá... do ano, entendeu? Ele mesmo ia lá, ele não tinha o negócio de fazer desenho, ele criava na cabeça dele, ele via por exemplo assim: isso combina com isso aqui, e com o tema, e quando ele ia lá em Belém eu acompanhava ele, pra ver também assim se realçava com as coisas da música, era assim que ele fazia, ele não tinha desenho, porque na verdade o desenho saía da cabeça dele, porque ele não tinha como botar pro papel, porque ele não era um desenhista, ele quando ia pra costureira, ele dizia eu quero assim, assim e assim... daí elas faziam do jeito como ele queria, era assim, hoje em dia não, hoje em dia já tem aquelas pessoas que são especializadas, que desenham pra caramba, que vem mostrar pra gente, "olha esse aqui é o desenho da quadrilha" daí a gente já mostra pra galera o desenho, tem vezes que tá bonito no desenho, mas quando a gente vai passar pro Real, aí já não sai, tem gente que não sabe tirar também do desenho pra realidade, aí tem vezes que já não fica uma coisa bacana, mas naquela época era assim que ele fazia: "hoje eu vou passar o dia todo na casa da costureira", ele ia pra lá, daí a gente ficava, a gente não sabia como era, daí ele levava o material pra lá e ficava, "faz assim", "eu quero assim", quando a gente ia ver lá é quando já tava pronto, já tava feito, ele tirava praticamente da cabeça dele. Nesse ano elas vinham como se fosse cozinheiras, isso mesmo, elas vinham de avental, porque como falava das comidas, elas vinham

parece... Eu não recordo muito, mas parece que elas vinham de cozinheira, e os cavaleiros vinham igual de garçom, Vinham com aquelas borboletinhas (gravata), com aquela jaqueta (colete), por cima da camisa com manga comprida né, era quase assim, por causa do "tem comida" né daí elas vinham de avental, foi isso que aconteceu nesse ano da comida, agora eu lembrei mais ou menos, o que a gente tentava passar do traje né. Foi ele (Tião) que usou da pesquisa dele, nessa situação de vim, das meninas virem de avental, com roupa praticamente assim que incluísse isso, da parte da cozinha, por que as comidas são feitas praticamente numa cozinha né, e é a cozinheira que faz, daí ele fez nesse estilo, e os homens que são os garçons, foi assim que ele quis passar, e o marcador de pipoqueiro que já era um personagem que é usado na quadra junina, que nós pensamos, poderia ser até que ele usasse nas roupas dos meninos, poderia até ser que os brincantes fossem vim de pipoqueiros, mas colocamos específico no marcador, que o marcador é uma peça fora da quadrilha, diferente, diferenciado, aí usamos esse personagem de pipoqueiro.

Entrevista com Michelle Silva, em 2007 dançarina, e hoje vice-presidente da quadrilha:

"Todo ano tem comida, tem bebida e tem balão" era só o tema, foi o ano que levaram pipoca, levaram bolo, "bolo podre", um bocado de coisa dentro daquela bandejinha, era pra dar pra galera. Eu comecei a dançar na sensação em 2001, eu vim em 2001, que a gente dançava na "mexe coração", de lá a gente veio pra cá, veio eu, o Tião, uma galera, acabou a "mexe coração", aí o márcio convidou a gente pra vim pra cá, aí já veio o Tião, eu, a Kátia, e uma galera nessa época, foi bacana, na época assim que eu me lembre, ele não trabalhou os temas na "mexe coração", não assim como ele trabalhou na sensação, usando adereços, essas coisas, a gente não tinha na época, ele montava a quadrilha, mas era normal mesmo, e já com tema, usar o trabalho mesmo, eu acho que ele já veio usar dentro da sensação mesmo, que no primeiro ano que a gente dançou foi aquele negócio do marajoara, que a gente veio representando o nosso marajó mesmo, mas não teve adereços, aí já no segundo ano, aí já foi... não lembro se no segundo ano... não foi tema, o terceiro também... já no quarto que ele já veio que foi o ano "do pará", em 2004, aí 2005 foi luiz gonzaga, 2006 o santo antônio, e 2007 o ano da comida, foi meu último ano pelo menos né, que eu dancei e foi que eu engravidei, aí tem tudo isso, eu passava mal, mas foi bacana, tinha um grupo grandioso que ajudava muito, que naquela época todo mundo procurava

ajudar, era uma forma da gente trabalhar era bem melhor do que hoje, porque hoje a gente encontra muita dificuldade, a gente encontra dificuldade em colocar o grupo, já dançamos até com 16 pares, por falta de brincantes, e as condições financeiras que cada vez tá ficando pior, aí durante esse período que a gente vem dançando, porque a sensação era um grupo que os brincantes mesmo que se bancavam, se colocavam, pagavam seu traje, e ajudava a pagar o coreógrafo, essas coisas, então, até hoje a gente encontra muita dificuldade, mas estamos aí né, fazendo nosso trabalho, nossa parte, e pra mim os momentos, foram momentos marcantes, todos os que a gente viveu, porque de 2001 pra cá, cada ano é um grupo diferente, nem todo tempo é as mesma pessoas, mas foram momentos bons, que eu acho que a gente passa a viver com as pessoas, a gente já passa a ser uma segunda família, que quando a gente diz: “ah, vai acabar!” dá aquela dor no coração, a gente vive muitas emoções também, nos momentos que a gente vai participar de concursos, tanto aqui no nosso estado, quanto... a gente já dançou fora do estado também, a gente já apresentou nosso grupo lá fora, no estado do ceará, aqui dentro do nosso marajó, na nossa cidade, a gente já ganhou vários títulos, já apresentamos na fumbel, centur, outros municípios, como: santa isabel, tracuateua, benevides, já passamos por muitos lugares, então assim, é um grupo que pra gente marcou muito, foi muito importante, porque, além da gente conhecer outras pessoas, fazer novas amizades, a gente também conheceu outros lugares, e vivemos muitas coisas boas. Na época, por que era assim... até hoje quando eles se reúnem assim, tem a diretoria, hoje eu já faço parte da diretoria, mas na época eu era apenas brincante, então pra gente eles não passavam logo, eles deixavam a gente naquela expectativa, a gente só ensaiava, ensaiava, aí já vinha saber do tema, próximo por que a gente tinha que fazer o que eles diziam que era surpresa né, aí é quando a gente sabia do tema, que eles falavam “ah vai ser o tema da comida: todo ano tem comida, tem bebida e tem balão”, mas os brincantes mesmo só iam saber já perto da quadra junina, já perto do concurso. O traje, a gente tirava só medida aí no decorrer do tempo, depois com o tempo que a gente ia descobrindo, que as vezes vazava, aí ficava os comentários, “ah a roupa vai ser dessa cor, vai ser amarelo, tem vermelho também”, mas era só por alto mesmo que a gente ficava sabendo, até chegar mais próximo. Na época era a gente mesmo que confeccionava os sapatos, a gente que escapava, comprava aquelas sandalinhas moleca né, e encapava com o mesmo pano que a gente usava no traje, e encapava, e os nossos adereços de mão também a gente mesmo que fazia, o nosso coreógrafo que fazia no

caso o primeiro e a gente fazia cada um o seu, na época, negócio de chapéu, de arranjo, era cada um que fazia o seu. Arrumava grupos, ia pra casa dele, hoje em dia não porque a gente já paga né pra fazer, já vem de Belém tudo pronto, mas naquela época a gente mesmo que fazia, é como eu falo pro Márcio, que até hoje eu vejo a dificuldade que a gente se encontra é porque antes a gente mesmo que fazia tudo e hoje não, a gente já procura pagar, aí já sai mais caro, entendeu? Aí essa é mais a dificuldade que a gente encontra hoje e antes a galera ajudava, vinha pra casa dele, a gente às vezes levava a madrugada né fazendo chapéu, se tivesse que pintar pintava, se tivesse que encapar encapava, aí era aquele grupo mesmo, aí era bacana, era a gente mesmo que confeccionava, hoje em dia já mudou tudo. O arranjo era o coreógrafo que fazia, mas tinha algumas coisas assim que às vezes a gente sabia né, aí a gente ajudava. As comidas eram de isopor, só na última noite, a final aqui, que já levaram a comida mesmo que a gente distribuiu lá pro pessoal, pra torcida, mas durante assim nas viagens, nos lugares que a gente ia, era tudo de isopor, era feito, pintado, era assim que era. Aí como o Tião colocava, “os fortes permanecem, os fracos eles vão embora porque não conseguem chegar até o fim”, e a gente não, a gente sempre junto com o público conseguiu superar isso graças a Deus e até hoje estamos aí né, enfrentando dificuldade mas a mesma força de vontade, mesma emoção, mesma coisa quando “ah vai acabar a sensação” aí é uma tristeza pra gente, aí vem lágrima, aí vem tudo, por aí vai né... e também antes a galera dançava por amor, aquele amor dentro da galera, que corria atrás, se ajudava, hoje muitos dançam já por dançar, por viajar, já não é mais aquele mesmo amor, mas pra gente não, pra gente é a mesma emoção, o mesmo amor. No traje eu lembro que a gente usava um lenço na cabeça, a bandeja que a gente trazia, e o avental, o traje é a peça fundamental pra quadrilha, porque se a gente não tiver o traje material não tem como dançar a quadrilha né, e os nossos trajes são bons porque todos os anos a gente vende, porque é um trabalho tão... porque a gente vai afundo né, como esse ano que a gente colocou o tema da comida né, como os outros anos, cada tema assim que a gente faz, principalmente assim naquela época que o Tião que era o nosso coreógrafo, ele ia a fundo mesmo, ia buscar bem profundo, as coisas que ele colocava, nesse ano que a gente veio representando a comida aí o traje veio tudo em cima do que ele queria falar né, usando as damas como cozinheiras, usando avental, a bandeja de comida, essas coisas tudinho, e isso daí se torna tão importante que no outro ano, outros grupos compram o traje, e usam o mesmo tema, a mesma coreografia, às vezes eles não

chegam a usar a mesma coreografia, mas eles usam o mesmo tema, todo ano a gente vende o traje pra isso, e cada ano é um grupo que às vezes procura, esse ano a gente tem 4 compradores, aí cada ano é assim, eles gostam muito porque a gente vai buscar bem a fundo o tema, o bom é isso, porque a galera explora bem o que tá usando né, e na época de 2007, que a gente ia dançar os concursos, eles passavam pra gente o tema, e a gente trabalhava em cima do que ele colocava, do tema mesmo, vendo que a gente tava ali representando o tema da comida, que era esse negócio, levando as comidas na bandeja, aí a gente passava um pouco daquilo que eles tavam colocando, levava o nome tudinho do tema, aí tudo isso... aí pois é, aí naquela época de 2007 foi muito marcante, foi um dos melhores ano assim, eu digo de tema, por que ele explorou bem, e o Ediney era o pipoqueiro né, a galera tudinho e a molecada foram a loucura porque ele levou pipoca pra quadra, tudo isso, e foi bom, um ano muito bom.

Entrevista com Sebastião Silva (Tião), estilista e coreografo da quadrilha na época:

Em 2007 a quadrilha Sensação veio com o tema “Todo ano tem comida, tem bebida e tem balão”, tema esse inspirado nas festas de arraial do mês de junho. As damas trazendo uma peneira nas mãos com algumas representações de culinária da época junina, bolo, canjica, mingau e outros, nas roupas dos homens e das mulheres tinha um avental com letras que formava nome do tema da quadrilha na época, palavra que era formada dentro da coreografia. Precisando que o marcador tivesse um papel marcante, eu trouxe a figura do pipoqueiro, pois, em toda festa de arraial tem de ter um pipoqueiro, o traje nas cores vermelho, branco, amarelo e o estampado pra que nós tivéssemos uma roupa bem alegre, com a música (todo ano) de Dominginhos que também falava das comidas típicas da época, fizemos um sossegado arraial. As primeiras quadrilhas que passaram a trabalhar com temas, foram as quadrilhas do interior, pois, elas ainda tinham apresentações de danças no meio da quadrilha, no meu caso, eu sempre gostei de dar uma cara aos meus trabalhos, mostrar uma história dentro das apresentações, e assim surgiu a história da quadrilha Sensação Junina em 2007, tenho certeza que agradou a todos, graças a DEUS.